

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

GESTÃO EM ARTES VISUAIS

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

***Apresentação
necessária.***

A questão da Gestão em Arte Visual compreende diferentes enfoques e abordagens.

Tendo isto em vista, é necessário fazer escolhas para o desenvolvimento dos estudos nesta área. Neste sentido a opção para o encaminhamento da disciplina toma como base e referência a História da Arte e o percurso da Arte Visual em busca de sua autonomia estética, conceitual e social.

As manifestações artísticas visuais estiveram, em boa parte de sua existência, à serviço e atreladas aos interesses e gostos do poder dominante.

Raramente tiveram oportunidade de atuar de acordo com seus próprios interesses e proposições.

Pode-se dizer que foi o advento da Modernidade que possibilitou um pouco mais de liberdade para a atuação dos artistas e seus manifestos.

Embora admita-se a indissociabilidade entre Arte e Sociedade, ou seja, a quase impossibilidade de que ela exista independente do meio social e cultural no qual surge, é necessário ponderar, relativizar tais relações no sentido de aferir o nível de autonomia que a Arte Visual conseguiu obter ou assumir no contexto atual.

Quanto se libertou do jugo dominante da sociedade e quanto de individualidade conseguiu obter apesar das ingerências às quais está sujeita enquanto fenômeno social.

Assim, o percurso pedagógico aqui adotado seguirá o caminho da história e os acontecimentos que orientaram a constituição da Arte Visual como um Sistema no qual a Gestão é parte integrante.

Ementa:

Reflexões sobre as possibilidades de atuação profissional para o bacharel em Artes Visuais, abordando aspectos mercadológicos, de produção e gestão artístico-culturais, públicas e privadas.

Bibliografia Básica:

- CUNHA, M. Helena. Gestão Cultural - Profissional em Formação. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2007.
- MALAGODI, M. E.; CESNIK, F. de Sa. Projetos Culturais. São Paulo: Escrituras, 2004.
- PINHO, D. B. Mercado de Arte - Ensaio de Economia da Arte. São Paulo: Esetec Editores, 2009.

Bibliografia Complementar:

- BRANDT, Leonardo (org). Políticas culturais, volume 1. Barueri-SP: Manole, 2003.
- MOULIN, R. Mercado da Arte. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- ZANCHETI, S. M. Gestão do Patrimônio Cultural Integrado. Pernambuco: CECI 2002.

Programa:

1. O conceito de Gestão.
2. O Sistema de Arte e seus componentes.
3. O bacharel em Artes Visuais e seus campos de atuação.
4. Instituições em Artes Visuais: gestão, conservação, estímulos e difusão.
4. Mercado de Arte: incentivo, promoção, investimento e especulação.

1. O conceito de Gestão.

Gestão, do latim, *gestio*, ação, reger, orientar e costuma significar processos de gerir, executar, realizar ações para atingir objetivos. Portanto é entendida por gerenciamento, administração de processos ou instituições, empresas, entidades sociais que precisam ser geridas ou administradas.

É uma área das ciências humanas que busca fazer com que as pessoas ou organizações atinjam seus objetivos com os recursos de que dispõem.

Em termos práticos, gestão pode ser definida como um conjunto de tarefas para atingir objetivos propostos a partir de recursos disponíveis. Historicamente a Gestão está ligada ao Sistema Econômico e, em particular, ao Capitalismo.

Em outras palavras, gestão é a capacidade de administrar, realizar ações em número, grau e performance para que o indivíduo, organismo ou sistema obtenha o que se espera dele.

Embora a produção artística exista desde os primeiros tempos da humanidade, a Gestão desta atividade é mais recente e, nem sempre, entendida como uma área ou campo de atuação ou conhecimento.

A especialização que a produção, difusão e conhecimento que a Arte Visual teve nos últimos séculos exigiu também a especialidade de seus produtores, mercadores e apreciadores.

Assim a Gestão no contexto da Arte surge como um conjunto de condutas e comportamentos que, aos poucos, vai se aprimorando por meio de outras categorias que orbitam em torno da produção artística.

Contudo, historicamente, é necessário recuar para bem antes disso na tentativa de compreender melhor esta área.

Para isto pode-se falar da Arte antes da Arte.

Falar em Arte antes da Arte não quer dizer que ela não existisse, apenas que a maneira como a compreendemos hoje, não corresponde ao que se pensava na pré-história, na Antiguidade ou na Idade Média, por exemplo.

É difícil saber o que se pensava em relação à Arte na pré-história, mas pode-se dizer que era algo completamente afastado de qualquer interesse material.

As motivações para criar imagens na pré-história podem ter um componente mágico na medida em que compunham estratégias propiciatórias, como aceitamos entender hoje em dia. Nesse caso, não parecia haver qualquer interesse que não fosse o de atender às necessidades de sobrevivência. Neste sentido tanto a produção quanto a destinação das manifestações artísticas eram destinadas ao compartilhamento social, existia em benefício do grupo.

Na antiguidade a coisa muda, os interesses não são os da sobrevivência mas sim a demonstração do poderio das nações. Cada rei, imperador ou sacerdote utilizava as imagens tanto como narrativa de seus feitos quanto para catalisar as motivações e direcionar o poder em seu benefício e domínio. Os artistas são artesãos especializados a serviço do poder mantidos por ele.

Cabe lembrar que o poder na antiguidade era obtido e mantido por meio das guerras e os grandes líderes eram, em geral, guerreiros. Conquistar territórios implicava em dominar outros grupos e, exercer sobre eles, o poder. Um dos modos de relatar isto para as novas gerações era por meio das imagens. As grandes civilizações da Antiguidade usavam a Arte para isto.

Na Idade Média o poder passa a ser compartilhado com a Igreja nascente que domina parte dos territórios antes pertencentes ao Império Romano. Sem tradição bélica, suas referências são a religiosidade cristã fazendo dela seus dogmas e tema de dominação. Assim as imagens usadas pela igreja não recorrem aos feitos dos guerreiros e heróis, mas ao cristianismo e seus mártires. Seus produtores ainda são artesãos anônimos, em geral, vinculados às ordens religiosas que fundavam e mantinham os templos.

No princípio, quando Cristianismo não era aceito pelo Império Romano, as manifestações artísticas eram realizadas nas Catacumbas de modo precário e pouco elaborado. Com a incorporação do Cristianismo pelo Império Romano, a Arte passa a ser feita em maior quantidade e a ocupar mais espaços públicos, no entanto não perde a simplicidade e a espontaneidade original já que o foco era a espiritualidade e não a materialidade.

Até a Idade Média não cabe falar em Gestão em Arte já que o sistema de produção estava vinculado às Guildas ou Corporações de Ofícios que agrupavam os produtores, definiam critérios de produção, valores e controle sobre artistas e o mercado, nesse caso, a Gestão se refere à ação das Guildas. Os artistas eram pagos em relação à prestação de serviço, como qualquer artesão especializado.

A prestação de serviços era um dos meios pelo qual a produção artística era realizada, outro era a doação espontânea de populares, religiosos e membros das ordens como os frades copistas confinados nos conventos ou mosteiros.

Era comum a ilustração dos Livros de Horas, orações, por meio de Iluminuras, como também os retábulos dos altares.

Durante a maior parte da Idade Média a Arte continuou sendo uma atividade artesanal vinculada à habilidade do prestador e, na maioria das vezes, anônima. Em geral o que se tem como referência histórica são os lançamentos de pagamentos de serviços de ornamentação nos tombos das igrejas e conventos, das instituições religiosas, mas nem sempre quem recebia a paga era quem executava a obra, poderia ser um intermediário ou dono de um ofício.

Foi a partir do Renascimento que a transição entre a Guilda e a Academia vai se configurar e assim o anonimato é substituído pela autoria e o autor é reconhecido como uma personalidade social cujo status se desloca do artesanato para a nobreza.

Com isto pode-se dizer que os primeiros elementos da Gestão em Arte começam a se configurar. Portanto, a Gestão em Artes Visuais se inicia no momentos em que se delimita um Sistema de Arte.

2. O Sistema de Arte e seus componentes.

Sistema, do grego *σύστημα* *systemā*, do latim *systemā*, é um conjunto de elementos interdependentes que se constituem como um todo organizado.

Na biologia, há referências ao funcionamento do corpo humano de acordo com *Sistemas* como o Circulatório que inclui o coração, artérias e veias responsáveis pela distribuição de oxigênio e alimento para o organismo.

Nas ciências sociais, algumas abordagens, como as dos autores marxistas, consideram o *Sistema* econômico como determinante dos demais sistemas sociais.

Assim entende-se como sistema o conjunto de elementos destinados a realizarem determinadas funções ou obter certos resultados.

Assim se fala em sistema social, sistema econômico, sistema ambiental, sistema ecológico, entre outros e muitos sistemas aos quais estamos vinculados ou dos quais se depende para a vida ou convivência social.

A compreensão da existência de um Sistema de Arte surge no século XIX.

Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Stuttgart, 1770-1831, Berlim) foi um dos filósofos que mais se preocupou com a Arte, a Estética e o funcionamento do Sistema de Arte como o conheceu. Embora a concepção de Sistema de Arte como o conhecemos hoje não fosse objeto de estudo de Hegel, ele foi o primeiro autor a tocar nesta questão.

Todo sistema é composto por partes integrantes e integradas. O Sistema de Arte, como outros, é composto por diversos elementos. Talvez apenas a pré-história não possa ser analisada sob a ótica de um sistema, mas a partir das primeiras civilizações já se pode identificar algo parecido com isto.

Para que este sistema surja há que se considerar a presença de, pelo menos, três elementos ou instâncias:

De um lado, produtores, artistas que sejam capazes de realizar Obras de Arte; de outro, quem tenha interesse em apreciar, obter ou consumir Obras de Arte e, entre estes dois lados um processo de intermediação que possibilite a relação entre eles. Portanto, para efeito de estudo, podemos nomear aqui estes três elementos como: Destinador, Mediador e Destinatário.

Entende-se assim que para se identificar ou configurar um Sistema de Arte é necessário reconhecer a existência destes três elementos constitutivos: o destinador, o mediador e o destinatário.

De modo geral pode-se identificar os Destinadores como os produtores, artistas ou artesãos responsáveis pela produção material das Obras de Arte.

Como Mediadores pode-se considerar os comerciantes ou marchands e também os curadores e gestores, que administram os processos de interação e difusão artística;

Como Destinatários, consideram-se os apreciadores, os designadores os estudiosos e os consumidores, bem como as instituições que acolhem e conservam Obras de Arte.

Embora este seja um Sistema complexo cujos elementos se desdobram em outros tantos, podem ser analisadas as várias categorias que englobem estes elementos pelas semelhanças entre si para, assim, entendê-los melhor.

Uma primeira categoria compreende a Produção e no polo oposto, o Consumo. Entre elas há uma categoria intermediária, composta por mediadores, como os marchands e colecionadores.

Mesmo que a composição do sistema revele uma certa estabilidade, nem sempre os modos de operação de cada um destes estágios ou elementos é estável, podendo variar em cada época e lugar.

Em cada sociedade na qual a Arte surge é que dá o tom para que ela exista do modo como existe.

Para entender o todo é necessário tomar cada elemento deste Sistema como base de análise para sua compreensão.

O Destinator aqui identificado é aquele que cria. O Artista ou Produtor, é quem idealiza e executa ou faz executar as Obras de Arte. Mas as motivações que levam alguém a produzir Arte podem ser pessoais ou sociais.

Motivações pessoais, embora possam parecer subjetivas, dizem respeito às necessidades que os indivíduos têm de dar vazão à sua criatividade, personalidade, aos seus interesses e valores próprios. Isto pode transparecer ou não nas obras que os artistas criam dependendo do momento e das condições sociais em que são produzidas.

Grande parte da História da Arte mostrou obras anônimas. Obras que eram realizadas a mando ou a serviço de sistemas de poder dominantes e totalitários. Nestes momentos as criações artísticas respondiam aos interesses da sociedade da qual faziam parte e não de suas vontades ou interesses individuais.

A partir do Renascimento os artistas passaram a ser respeitados por suas qualidades pessoais, sua autonomia, personalidade, autoria e estilo que perdura até o século XIX quando o advento do Modernismo quebra as regras da tradição e instaura os processos investigativos e também intensifica a presença da individualidade, da personalidade e das idiossincrasias na Arte.

As motivações sociais decorrem do meio do qual o artista faz parte. Nesta situação, sua individualidade é obliterada, apagada ou suplantada pelas demandas do contexto no qual vive. Isto inclui o que se disse em relação aos interesses dos regimes de poder totalitários que determinam o que fazem os artistas nestas situações, momentos e ambientes.

Além das demandas sociais externas ao indivíduo pode-se pensar também no engajamento que alguns movimentos ou artistas propõem por meio de suas obras como modo de estabelecer diálogos ou confrontos com os ambientes sociais nos quais vivem.

Podem fazer parte dos temas sociais a repressão social ou política, a exclusão ou preconceitos como racismo, sexualidade e demais transformações da ordem e dos costumes que mobilizam e evocam valores coletivos que podem se mostrar nas Obras de Arte.

Para entender melhor a questão do Destinator, produtor ou do artista deve-se tentar responder a uma questão de base:

O que é um Artista?

Como se configura esta personagem no contexto da História da Arte?

Quais são os requisitos para que seja assim considerado?

Tais requisitos sempre foram os mesmos ou se transformaram ao longo do tempo?

Enfim o que se sabe dele e quanto ele importa no contexto social?

A resposta a estas questões podem auxiliar a compreensão do Sistema de Arte como tal e, conseqüentemente, da Gestão desse sistema.

Como proposta de trabalho, para o desenvolvimento na disciplina, pode-se destacar algumas destas questões no intuito de respondê-las com base nos textos disponibilizados neste Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Textos de apoio:

GREFFE, Xavier . Arte e mercado. São Paulo: Iluminuras: Itaú cultural, 2013.

SOUZA, Helena Vieira Leitão de. Coleccionismo na Modernidade. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.